

ENSAIO NOSSAS HORAS FELIZES – DELLANA WOLNEY

Abismo do caos

“Quando a tristeza é revelada, ela contém algo misterioso, sagrado e urgente, uma coisa completamente pessoal e, ao mesmo tempo, uma chave que abre as portas trancadas do desconhecido.”

Dolorosamente sublime. Assim descrevo a história de Yujeong, uma jovem da alta sociedade coreana e Yunsu, um jovem presidiário no corredor da morte. As possibilidades que nada tiveram a ver com a realidade é o que constrói esse universo cheio de dor, redenção e empatia criado pela autora sul-coreana, Gong Ji Young.

Caos

A abordagem da Depressão no livro *Nossas Horas Felizes* é completamente palpável. É possível sentir o vazio existente dentro Yujeong e sua dor progressiva que resultou tantas vezes na tentativa de tirar a sua própria vida. Enxergamos um mundo desmoronando e, muitas vezes, nos damos conta do quanto nossos universos são semelhantes e interligados. Quebra-se a quarta parede e assim ficamos ao lado de um personagem que sucumbe à “Sociedade do Cansaço” (Byung-Chul Han, 2017).

A violência é amplamente retratada nesta obra, de ambos os lados. Gong Ji Young faz um trabalho magistral ao abordar o abuso sofrido pela protagonista quando adolescente. Sua autopunição, a culpabilização social e os efeitos nocivos de carregar por tantos anos este estigma nos prepara para o que virá.

Neste conjunto de dores e fatalidades parece a apatia, que por muito tempo entorpeceu Yujeong, tornando-a indiferente ao mundo e às pessoas que a rodeiam. A inquietação e a instabilidade emocional constroem um paradoxo suicida que é apagado pouco a pouco ao longo da história. Até o final somos capazes de ver a empatia florescer na lama, assim como uma flor de lótus.

Vemos Yujeong emergir das águas sujas, turvas e estagnadas. Com ela aprendemos a importância de resignificar o passado, além de reconhecer os nossos próprios demônios a fim de combatê-los.

Entendimento

A pena de morte ainda é realidade em mais de 50 países e a Coreia do Sul é um deles. Embora este tipo de penalidade tenha tido uma restrição aprovada na década de 1990, no ano de 2010 ela voltou a ser praticada. Desde a sua instauração na

Coreia do Sul, mais de 900 pessoas foram executadas. Em 2015 um levantamento mostrou que cerca de 23 mil pessoas se encontravam no corredor da morte.

O nosso segundo personagem principal, Yunsu está há poucos dias da sua condenação à morte por um crime hediondo. À primeira vista conhecemos um personagem vazio que se assemelha ao estereotipado marginal agressivo, mas nele há um universo em pedaços.

Pedaços que quando descobertos são similares às dores de tantas almas condenadas ao abismo da culpa. A vida de Yunsu é fatalmente real, mesmo estando intacta em uma ficção.

Em Nossas Horas Felizes não encontramos justificativas e sim um alerta de que habitamos um planeta desigual, em que milhares de crianças e adolescentes não têm oportunidades ou chances de ter uma vida digna, sucumbindo à subsistência, reduzindo-se a um fantasma social, cuja existência apenas causa medo e indiferença.

Caminhos cruzados

Os caminhos de Yujeong e Yunsu se cruzam da forma mais sublime possível. Por meio de uma figura maternal e divina. Tia Mônica é a personagem secundária que protagoniza o encontro de duas vidas despedaçadas pelas piores maldades que rodeiam aqueles que são feitos de carne e osso.

A empatia de Tia Mônica é contagiante e o seu empenho máximo na tarefa de levar mais compaixão aos que precisam, principalmente, aos presos que procuram se redimir dos seus pecados e tornar a sua estadia na prisão um pouco mais suportável é notável.

Esta figura ficcional muitas vezes consegue demonstrar mais compreensão e solidariedade do que muitas pessoas que habitam o mundo ao nosso lado.

Resgatando outra vida, no caso a de Yujeong, Tia Mônica a convida para realizar visitas semanais a um preso no corredor da morte, Yunsu. Os encontros inicialmente são envolvidos de estigmas e preconceitos, mas passam a trazer muitas surpresas e o mais importante: humanidade.

É assim que os caminhos de Yujeong e Yunsu se cruzam, tornando-se apenas um durante as suas “horas felizes”.

Compaixão

Yunsu e Yujeong pareciam compartilhar tantas diferenças, mas o caos interior de cada um se assemelhava. Eles simplesmente fazem parte de um mundo triste, cujo passado é marcado por histórias doloridas. Seus momentos são preciosos, porque há entendimento.

Contra *Plongée*

E assim finalizamos uma história que nunca terá final, pois suas 277 páginas marcam pontos essenciais em quem está do outro lado do livro, criando uma cicatriz de reflexão. Nos tornamos a terceira pessoa, que mesmo com uma realidade completamente diferente, se sente igualmente despedaçada ao perceber que cada abordagem problemática de “Nossas Horas Felizes” é tão nossa como de Yunsu e Yujeong.

Sofremos, enxergamos o abismo, lutamos por justiça, nos compadecemos e desaparecemos... Isso é o que nos torna demasiadamente humanos.

Redenção

Embora os costumes da sociedade coreana estejam enraizados em cada capítulo deste livro, as discussões sobre a realidade social expostas por Gong Ji Young refletem as muitas questões que tanto o oriente como o ocidente ainda vivem. Questões que merecem reflexão individual e coletiva.

O perdão é a sua cartada final. E quando falamos de perdão aqui, envolve o contexto pessoal de se autoperdoar, perdoar o passado, a redenção de um criminoso que é perdoado pelas famílias destruídas e que no fim contempla o abismo com leveza e aprendizado.

“Ser humano não quer dizer que mudamos ao encarar a morte, me diziam os olhos dela, mas, por que somos humanos, podemos nos arrepender de nossos erros e nos tornar novas pessoas.”

Eu não sei como te dizer que você deve se importar com as pessoas, mas com certeza Nossas Horas Felizes te ensinará que a forma mais sublime de humanidade e empatia é se colocar no lugar do outro...